

# Estranheza e propriedade: a experiência da empatia em Edmund Husserl

*Strangeness and propriety: empathy experience in Edmund Husserl*

DOI: <http://dx.doi.org/10.12957/ek.2014.5497>

Ms. Devair Gonçalves Sanchez  
devairsanchez@gmail.com  
UNIOESTE - PR

A presente pesquisa visa basicamente explorar o conceito husserliano de *Empatia* (*Einfühlung*) dentro da obra *Meditações cartesianas* (1930). Mediante a acusação de solipsismo metodológico, Husserl retoma sistematicamente suas reflexões, no intuito de demonstrar que a condição do eu reduzido pela *epoché* não conduzirá o eu a um solipsismo extremo. Esse artigo irá explorar os conceitos de Próprio e de Outro na dinâmica *cogito-cogitatum*, dentro do esquema da quinta meditação.

**PALAVRAS-CHAVE** fenomenologia. empatia. subjetividade. ontologia.

This research aims primarily to explore the constitution of the concept of *Empathy* (*Einfühlung*) within the scheme of *Cartesian meditations* (1930), by Edmund Husserl. Upon the charge of methodological solipsism, Husserl takes up his thoughts systematically, in order to demonstrate that the condition of self reduced by the *epoché* not lead me to an extreme solipsism. This article will explore the concepts of Self and Other in the dynamics *cogito-cogitatum* within the fifth meditation.

**KEY-WORDS** phenomenology. empathy. subjectivity. ontology

Ao investigar a possibilidade de um sujeito ter a experiência de outro, Husserl refere-se ao que denomina de "esfera própria ou primordial". Essa esfera designaria, de um lado, a experiência da autodotação mais originária possível e, de outro, pressuporia que a experiência da intersubjetividade não pode se dar fora de uma auto-experiência. Com isso, Husserl procura apontar que o outro, entendido como consciência estrangeira, não se dá nessa esfera de originalidade, nessa esfera inaugural. Pois, se fosse o caso, o outro seria acessível de forma direta e seria meramente um momento de meu próprio ser e, desse modo, eu e o outro seríamos o mesmo. O que pertence a essa esfera original é apenas minha experiência do Outro, a saber, as experiências de *empatia* (*Einfühlung*).

O interessante é que, para Husserl, isso bastaria para mostrar que essa esfera do "meu próprio" (*Mir-eigene*) não é, de modo algum, uma esfera solipsista, já que inclui também as vivências que o *ego* tem do Outro, ou, ao menos, de outro *ego*. Essa esfera original de propriedade deve ser entendida como o conceito geral de tudo aquilo que é dado de forma direta, isto é, auto-dado em forma originária em todas as experiências do *ego*. Para Husserl, é possível reconhecer uma apresentação (*Appräsentation*) do Outro, mas nunca uma *presentação* (*Gegenwartigung*). O exemplo clássico utilizado na fenomenologia é o do cubo. Posso ter a frente do cubo como "presentação", mas os lados que não vejo me aparecem por "apresentação". O Outro é outro não somente por que suas vivências não podem ser doadas ao *ego* de forma original, mas também, principalmente, por que se tem a experiência dele em uma situação subjetiva que, por princípio, não pode ser do *ego*. Husserl sugere que um corpo exterior de um outro, por analogia, é percebido como o sujeito percebe seu próprio corpo. Motivado por essa semelhança, o *ego* tende a realizar uma *transferência aperceptiva* pela qual concebe o corpo exterior como um corpo em analogia com seu próprio corpo.

Husserl considera a possibilidade do conhecimento do Outro a partir da identificação de sua corporeidade e do reconhecimento que o *ego* tem para ele enquanto índice de uma experiência concordante bilateral. A experiência da intersubjetividade dá-se a partir do surgimento do *corpo estranho* ao *ego* e, tal aparecer indica que esse corpo vivo é uma sede de vivências intencionais e o "ponto zero" (HUSSERL, 2001, p. 137) de um horizonte infinito de possibilidades e constituinte de um mundo comum. Trata-se de uma *presentificação* original do *alter ego*. Husserl afirma que "de início, preciso explicitar, como tal, o que pertence a mim propriamente, a fim de compreender que no "próprio" o "não-próprio" adquire, também ele, seu sentido existencial, principalmente por analogia" (HUSSERL, 2001, p. 162). Os dados de aparição do *ego* lhe são dados de forma original, enquanto os do Outro são concedidos ao *ego* por meio da

*presentificação* (*Vergegenwartigung*), portanto não de forma original. Quando se fala em vivências nesse caso, é necessário estar atento ao estatuto semântico do conceito de vivências puras do *cogito* transcendental. De que maneira esclarecer tais vivências? Como elas se dão e de que maneira o *ego* as percebe enquanto vivências do *alter ego*?

Não é possível ao *ego* tê-las na sua representação, o que não o impossibilita de efetivar uma penetração intencional na esfera primordial das vivências do Outro. Husserl reconhece a existência de uma espécie de introspecção empática na comunidade primordial. Nas palavras do filósofo, tal dinâmica “é uma ligação que em princípio é *sui generis*, uma comunhão efetiva, esta que é precisamente a condição transcendental da existência de um mundo, de um mundo dos homens e das coisas” (HUSSERL, 2001, p. 142).

Na análise da nova esfera em que acontece o segundo grau de comunidade do eu se relacionando com os outros, leva-se em conta o caráter psicofísico desse eu e desse outro. Quando Husserl propõe essa nova configuração constitutiva, a dinâmica de apreensão do Outro na esfera do eu ganha um sentido de assimilação como reciprocidade. Mas qual a novidade desta intercomunhão subjetiva? A grande novidade consiste na concepção perceptiva do Outro como numa espécie de *reflexo*. O eu não tem o outro como um par somente; não se opõe e ainda, tem a possibilidade de inaugurar a esfera de pertença do outro a si mesmo. Nessa reciprocidade existencial é certo dizer que há a emergência de um corpo central, pólo das vivências. A partir da consecução da “reflexividade” analógico-corporal descubro o Outro igualmente como um pólo:

Se me introduzo no outro pelo pensamento, e se penetro mais adiante nos horizontes daquilo que lhe pertence, logo me defronto com o seguinte fato: da mesma forma que seu organismo corporal encontra-se no meu campo de percepção, assim também o meu se encontra no campo dele e, geralmente, ele me apreende de maneira igualmente imediata como outro para ele, assim como eu o apreendo como “outro” para mim (HUSSERL, 2001, p. 143).

No entanto, com a evidência da comunidade intersubjetiva abre-se um novo campo transcendental de averiguação. Num primeiro momento da análise, ten-

do como foco a comunidade intermonádica, o eu ainda não se apercebe na condição de homem. Devido à redução transcendental rigorosamente atribuída a esse eu – condição que colocaria o sujeito na condição de *solus ipse* – o *ego* retém somente sua postura genética em relação ao conhecimento. No plano da relação intermonádica, temos a alma pura como o eu do homem concreto. O importante é ter presente a preocupação de Husserl em atestar que, no final das contas, mesmo tendo o eu esse caráter metodologicamente necessário de pura relação consigo mesmo, tudo converge para um fundamento da comunidade intersubjetiva.

Esse Outro com quem o *ego* estabelece vínculo intencional possui, aos moldes transcendentais, uma noção de mundo tal como a do *ego* primordial. Um mundo que se configura “não como uma obra de minha atividade sintética de alguma forma privada, mas como de um mundo estranho a mim, “intersubjetivo” existente para cada um, acessível a cada um em seus “objetos” (HUSSERL, 2001, p. 106). No entanto, sendo essa noção de mundo similar a do *ego*, restam ainda as noções particulares que atribuem sentido ao *ego* e ao Outro em coesão às noções particulares e diferentes lançadas nas esferas individuais de apreensão do mundo. Cada sujeito faz sua experiência particular de “fenômeno do mundo” e diante dessa gama de atos intencionais deve prevalecer no âmbito da experiência comum algum sentido último. No entender do filósofo, a fenomenologia está preocupada com o sentido das relações que possibilitam ao sujeito livrar-se das “contingências” que caracterizam uma abordagem ôntica acerca do mundo e das comunidades que se formam nesse âmbito. A preocupação deve ser exclusivamente transcendental. A partir dessa inteligibilidade de sentido o mundo passa a ser constituído no âmbito eidético, possibilitando uma ontologia. Segundo Husserl:

A filosofia exige uma explicitação que trata das necessidades essenciais últimas e mais concretas. Essas são as leis essenciais que determinam a maneira pela qual o mundo objetivo finca suas raízes na subjetividade transcendental, ou seja, leis que, de maneira concreta, torna compreensível o mundo como sentido constituído. Só então se abre para nós o campo das perguntas, as mais elevadas e finais que se poderia fazer ao mundo assim compreendido (HUSSERL, 2001, p. 150).

Somente seguindo a dinâmica constitutiva dos entes e do mundo é que se torna possível o sentido da *endopatia* e, fora desse âmbito, qualquer teoria se torna ineficaz. Segundo Husserl (2001, p. 160) “o problema da *endopatia* só pode adquirir seu sentido e método de solução verdadeiros com a ajuda da fenomenologia constitutiva”. Husserl pretende convencer que “a objeção dissolve-se e mostra-se sem consistência” (HUSSERL, 2001, p. 161). Tal objeção ao seu projeto não vislumbra a necessidade da atitude transcendental para a consecução de um projeto eidético voltado à investigação da objetividade do *alter ego*. O Outro, em sua posição de co-pertença ao ego, não somente aparece ao ego como objetificado, senão que se explicita na dinâmica de apreensão de sua vida intencional. Existindo, o ego vivencia no Outro a experiência de si. O Outro não apenas existe para o ego: ele “se justifica precisamente no interior da intencionalidade do ego” (HUSSERL, 2001, p. 161). Nas palavras de Husserl:

Nossa “teoria” da experiência estranha, da experiência dos “outros”, não queria nem poderia fazer qualquer outra coisa senão explicitar, partindo da obra constitutiva da experiência, o próprio sentido da posição de um “outro” e, partindo das sínteses correspondentes, explicitar o sentido da “existência verdadeira dos outros” (2001, p. 161).

Parece óbvio dizer que, enquanto apreensão corporal objetiva, o Outro não se mostra ao ego, na forma de evidência apodítica; essa percepção “exterior” é superficial, incompleta e dubitável. No entanto, sucessiva e paulatinamente, a redução é aplicada a essa *representação* (*Repräsentation*) primordial do Outro, no intuito de “atingir a totalidade do ser transcendente”. O ser do Outro se faz possível de ser fenômeno próprio, a partir de uma vinculação transcendental, que acontece mesmo o Outro não estando aí efetivamente. Tanto o Outro como a realidade objetiva são o foco da intencionalidade da consciência. O eu não pode sofrer a acusação de solipsismo, pois “a constituição como sistemas de atualidades e de potencialidades sintéticas que se apresentam – ao ego –, dos seres e das unidades de sentido na esfera do ser próprio do ego quer dizer justamente: constituição da realidade objetiva imanente” (HUSSERL, 2001, p. 162). Essencialmente o eu, num movimento de interiorização destacado por Husserl, adentra na esfera própria primordial, explicita suas vivências próprias e, dentro dessa esfera mesma, o eu reduzido transcendentalmente compreenderá as

propriedades que lhe são estranhas. Nessa dinâmica insere-se a atividade da intersubjetividade transcendental. Nas palavras de Husserl, “de início, preciso explicitar, como tal, o que pertence a mim propriamente, a fim de compreender que no “próprio” o “não-próprio” adquire, também ele, seu sentido existencial, principalmente por analogia” (HUSSERL, 2001, p. 162).

Esse vínculo do corpo próprio e não-próprio permite ao eu uma “tomada de consciência” de que há outro organismo tal como o dele, dotado de caráter psicofísico e, como humano, preenche as intenções de outro eu na e para a sua consciência. Esse é o primeiro passo para a compreensão dos entes de uma transcendência imanente. Na dinâmica das *Meditações cartesianas*, na explicitação de sua teoria fenomenológica num modo geral, Husserl deixa claro que não deve ser preocupação da mesma a constatação efetiva e rigorosa da existência dos entes em geral. O papel da fenomenologia será cumprido com rigor se a mesma, embasada nas estruturas de funcionamento da consciência pura e com a atribuição do eu, conferir sentido ao aparecimento dos entes.

Portanto, até o presente momento o caminho percorrido elucidou a busca de sentido para o que se apresenta ao sujeito enquanto *ego*. Essa busca aconteceu de forma auto-explicitativa pelo *ego* transcendental, a partir de sua esfera de vinculação, ora de sentido, ora de existência. Na existência do *alter ego*, o eu que se auto-explicita percebe essa vivência subjetiva alheia, também inserida no mundo e atribuindo sentido aos objetos. Essa compossibilidade dá-se graças à passagem da vivência da *aparência de si mesmo* (*Selbsterscheinung*) à apreensão do Outro, o que pode se afirmar ser já um indício de solução para o problema do solipsismo.

O método empreendido por Husserl tenta, num primeiro momento, desvencilhar-se dessa aporia metodológica teorizando acerca da constituição do mundo. Entrecortando os aspectos essenciais dessas vivências, Husserl se preocupa em analisar alguns atos intencionais que seriam necessários para a efetivação da intersubjetividade. Assim como o voltar-se para o mundo requer atos de percepção, sensibilização, imaginação etc., o voltar-se para o Outro sugere atos que vão se tornando explícitos no decorrer do texto das *Meditações cartesianas*. A proposta inicial de Husserl para a compreensão da intersubjetividade transcendental é tratada propriamente na Quinta Meditação, onde Husserl dedicar-se-á à compreensão das condições de possibilidade da constituição do Outro para o eu em sua primordialidade.

A questão essencial é compreender o que possibilita ao *ego* apreender o Outro exatamente na qualidade de outro eu, como base na efetuação das opera-



ções transcendentais até aqui descritas. Mas esse Outro, o *alter ego*, dentro das *Meditações cartesianas*, oscila numa perspectiva ora ôntica, ora ontológica. Ou melhor, na explicitação transcendental da noção de *alter ego*, emergem dois horizontes próprios da colocação do Outro para mim: o *alter ego* enquanto fenômeno constituído na esfera transcendental da consciência; e, num segundo momento, o mesmo enquanto existente mundano. No primeiro momento, faz-se compreender a posição do Outro constituído no *ego*. Aqui acontece a surpreendente co-determinação do sentido do mundo e de si mesmo a partir de um *modo de ligação* (*Verbindungsweise*); a primeira e mais importante refutação ao solipsismo dá-se então a partir dessa condição de possibilidade de co-pertencer ao Outro. A partir dessa co-presença do Outro no *ego*, abre-se um horizonte de atos que não são próprios: na esfera própria de acontecimentos do ego emerge o “estranho”, o não-próprio, rompendo os limites do próprio da consciência e originando novas orientações na compreensão dos fenômenos. Nessa condição, Husserl averigua a co-participação do Outro no eu a partir da fenomenologia estática, tendo em vista que estando o Outro já em mim, basta a abstração interiorizada para propiciar a manifestação do Outro. Além desse compartilhamento egóico, o existente mundano se apresenta ao eu, num segundo momento, através de um corpo semelhante, ligado a uma dimensão psíquica, formando uma unidade intrínseca. Nas palavras esclarecedoras de Alves:

Para bem compreender essa gênese do sentido *alter-ego*, é necessário recordar a grande descoberta que alimenta as reflexões de Husserl – a consciência em que o *ego* transcendental faz experiência do mundo é a consciência pela qual o *ego* se põe ele próprio no mundo e a si próprio se aparece como uma unidade não só psíquica (*seelisch*), mas também somática (*leiblich*). Em reflexões sempre de novo recomeçadas e jamais levadas a um ponto conclusivo, Husserl tenta circunscrever este processo pelo qual a consciência transcendental, no seu devir realidade humana no mundo, para si própria aparece como unidade de um corpo e de uma psique (2008, p. 10).

A constituição desse outro mundano se dá através da percepção mútua do *ego* e do *alter ego* em suas *modalidades de aparição* (*Erscheinung*). Ambos notam-se como viventes, como homens inseridos em um mundo, com corpos e vivências semelhantes. Trata-se da “condição transcendental da existência de um mundo, de um mundo de homens e coisas” (HUSSERL, 2001, p. 142).

Certamente tal dinâmica pressupõe uma vivência corporal de sentido do eu e a consciência de si mesmo. Além do mais, a linearidade da experiência do Outro tem sua gênese no aparecer de um corpo semelhante no mundo primordial, em que o *ego* percebe um “para-si” a partir do conceito de analogia; em seguida, a *associação* e o *emparelhamento* (*Paarung*) colocam o próprio e o não-próprio e ainda a potencialidade do “como se”, em que o eu se dá conta das vivências e atos do *alter ego* e os assimila como próprios ou não, familiares ou estrangeiros.

O mostrar-se do Outro por analogia é um tema fulcral e elemento essencial para se adentrar na dinâmica da intersubjetividade almejada por Husserl, ao menos tendo por base as *Meditações cartesianas*. Na percepção por analogia o ego se sobrepõe ao objeto vislumbrado, tendo a percepção não plena, mas totalizante, dos conjuntos de intencionalidades, através da “apresentação” do mesmo. Trata-se de uma possibilidade de doação total do fenômeno, que mesmo não tendo a capacidade de deixar-se transparecer ao *ego*, apresenta-se numa doação de sentido multifacetária. Nessa doação o *ego* pode através da mudança de seus atos de consciência, em infinitas perspectivas de percepção, preencher estruturas até então vazias. Mas tal condição não é passível de ser aplicada na maioria das vezes ao *alter ego*. Quando se trata de um objeto ou da percepção das coisas, a condição tal como abordada acima se torna facilmente aplicável. Mas quando se trata de outra subjetividade, tem-se uma realidade psicossomática, com experiências semelhantes a do *ego*. Diante disso,

na percepção desse corpo sobrevém a consciência de um outro sujeito e esse corpo, constantemente dado no defluxo perceptivo, é, agora, não simples coisas entre coisas, mas o lugar onde uma outra vida de consciência para mim emerge e se vem exprimir, ele é um “corpo-somático” (*Leibkörper*), animado por uma *psique*. (ALVES, 2008, p. 11)

Na gênese passiva a analogia pode ser entendida predominantemente como relação corpórea entre os sujeitos. O eu apreende o seu corpo e, nesse ínterim, o corpo do outro através das vivências análogas às suas intencionalidades. O *ego* tem diante de si a semelhança, mas ao mesmo tempo a diferença entre si e o outro. Não há uma dualidade entre ambos, mas uma complementação de associações de vivências similares, que vão gradativamente sendo assimiladas e correlacionadas simultaneamente como próprias. No processo de analogia desdobra-se o conceito de *emparelhamento*.



No *emparelhamento* acontece a apreensão *presentificante* do outro pelo *ego*. Estando esse Outro predisposto ao eu, acontece de modo análogo uma apropriação do dado inteligido do outro como próprio ao meu. Usando como exemplo a percepção tátil que realizo em um aperto de mão. Nessa atitude retenho certa propriedade que identifica, via sensações sinestésicas, aquela mão como minha. Ainda assim, diante da assimilação de igualdade, o eu consegue diferenciar e perceber a sua propriedade como primordial em relação à do outro. Usando o exemplo da *tactibilidade*, a mão que pertence ao ego é tida na condição de *substrato das habitualidades* (*Substrat von habitualitäten*). O Outro também tem, de maneira associativa, a constituição de sentido para o eu, da sua mão como pertencente a seu corpo próprio. Nota-se por essa analogia associativa que o eu pode conceber as propriedades inerentes ao *alter ego* e, consequentemente, a realidade mundana do *ego* torna-se co-realidade com a presença do Outro como eu nesse mundo. O *emparalhamento* (*Paarung*), portanto deve ser entendido como uma co-relação, uma ligação que confere unidade à experiência vivida dos entes. Como a própria derivação etimológica atesta, *emparelhamento* consiste fenomenologicamente numa *apresentação* configurada em par.

Diante dessa constatação, desse perceber analogicamente o Outro, pode emergir a questão: qual o aspecto ou conceito que permite uma vinculação mais profunda em relação ao outro? Em outras palavras, como empreender uma análise mais aprofundada do mostrar-se do “corpo lá” na constituição de sentido da esfera transcendental? Segundo Husserl, tal ato se daria, em um dos momentos, através do *comportamento* (*Verhalten*) do Outro na vivência original. Esse *alter ego* modifica o ser do ego que o constitui intencionalmente. Diante das investigações empreendidas até o presente momento, é sensato questionar-se acerca do alcance intentado no início dos trabalhos, tendo como foco o sentido do *alter ego*.

Tal como demonstrado por Pedro Alves, faz-se necessário compreender o real sentido da proposta husserliana e, a partir de então, constatar que tais investigações até então efetivadas ainda são improficuas no que tange a resolução do problema da constituição do outro. Ao fazer referência à noção de *empatia* nas *Meditações cartesianas*, Husserl está aludindo a um conceito relevante nas investigações acerca da constituição do outro. Ao se falar em *empatia*, o sujeito, como meditante, atua na esfera descritiva, percebe seus conteúdos e, no transcorrer da sua vida de consciência, se dá conta do modo como ocorre a percepção e a co-percepção. A empatia pressupõe, portanto, essa vivência própria do eu, bem como a vivência por analogia, a percepção do outro em mim e os atos comportamentais em geral.

Através da empatia ocorre uma mudança no mundo primordial, afetando aquilo que é próprio ao eu dentro desse mundo de sentido. A empatia acontece de modo próprio e impróprio. Esses dois momentos da experiência empática vivida pelo sujeito são decisivos para elucidar a constituição transcendental de sentido do *alter ego*. Os dois momentos se referem ao mundo de apreensão dos outros pelo eu transcendental. No modo impróprio, o sujeito se apresenta de forma passiva ao eu, que o percebe na forma de subjetividade estranha, e, paulatinamente, numa retenção que ocorre a partir de uma associação analógica, apreende o *alter ego* como um para mim.

Noutro plano, o eu insere-se numa vivência tida como própria, estando inserido no outro eu, numa espécie de convivência simultânea num *mundo ambiente* (*Umwelt*). Há um deslocamento do eu em busca do Outro. Trata-se de uma equiparação egóica onde o eu, como doador de sentido em todos os atos de consciência, compreende em si e para si, o distinto e o semelhante. Cada apropriação do Outro, em seu dar-se ao *ego*, abre uma nova possibilidade de relação. A cada associação, o diferente, o estranho se deixa intuir em novos desvelamentos, propiciando ao eu uma compreensão em meio à diversidade de atos mostrados. A *empatia* torna-se, dessa forma, uma possibilidade de análise da condição egóica do Outro a partir do *ego*. Dessa forma, o eu reduzido transcendentalmente confere rigor à análise de sentido do Outro, sendo que a operação empática traz para a esfera do eu a vivência do Outro.

Cabe elucidar de que forma acontece o reconhecimento mútuo entre eu e outro dentro da abordagem genética das *Meditações cartesianas*. Até então é notável que a análise acerca do mostrar-se do Outro se efetiva no mundo primordial, através da observação do outro pelo *ego*, da familiarização de seus comportamentos, das sínteses de apresentação conferidas pelo eu, possibilitando um adentrar na esfera transcendental desse Outro, mesmo que não se trate de uma vivência originária. É notável, e faz sentido tornar a dizer, que o *ego* jamais terá um acesso completo às vivências originais do Outro e que todo tipo de apreensão acontece por associação e analogia através do *emparelhamento* (*Paarung*). Graças ao conceito de imaginação, o *ego* pode colocar-se na posição de “como se eu estivesse lá”. Nesse ato da consciência, o eu transgride sua esfera intencional e acessa o espaço de doação do Outro e, no momento do “tocar o estranho”, da participação sinestésica do próprio no não-próprio, o fluxo de consciência permite uma ampliação dos conteúdos tanto para o eu quanto para o Outro. Nessa dinâmica de comunicação, ampliando os pólos de correlatos de vivências, o eu e o Outro vão formando uma comunidade egológica que se modifica – enquanto apreensão e doação de sentido – e, permite com que o

estranho se torne próprio. Tal reflexão leva a entender a importância da comunidade intersubjetiva na resolução do problema do solipsismo teórico. Não há um sujeito do conhecimento isolado, alienado e indiferente aos outros como ele, mas há sim uma compreensão da necessidade do outro como contribuinte e possibilitador da gênese de qualquer tipo de conhecimento.

No que tange à unidade da noção de intersubjetividade em Husserl, é sensato dizer que a mesma alcança um sentido pleno se levar em conta dois conceitos: *identidade e diferença*. A essência da análise está na abordagem, na crítica e na complementação dessas duas disparidades conceituais. O núcleo da investigação está condensado no movimento basilar da relação mútua entre o estranho e o idêntico. O eu, nesse caso, nada mais é que o detentor da identidade; enquanto o outro se apresenta como o diferente.

Cabe entender que tal investigação resulta em uma comunidade em que o diferente e o estranho são sujeitos de um mundo comum, num enlace de vivências subjetivas, gerando uma concepção intermonádica da intersubjetividade transcendental. Através de uma reciprocidade de vivências, o eu permite ao outro mostrar-se em pessoa, o que deixa transparecer sua personalidade e atesta a dinâmica do eu de dirigir-se ao outro e ao mundo num movimento de reconhecimento de si próprio e do estranho. Como visto isso só é possível em virtude do *emparelhamento associativo* que faz com que o corpo alheio se faça presente no mundo primordial do próprio. Como análise da noção de intersubjetividade dentro da reflexão empreendida por Husserl nas *Meditações cartesianas*, pode-se afirmar a emergência de uma teoria sobre o sentido do outro, com base na autoconsciência do eu transcendental. E o eu como instaurador da possibilidade de todo e qualquer conhecimento, o que corresponde aos outros e ao mundo, permite uma unidade teórica em relação à tematização acerca da intersubjetividade. É em virtude da reflexão empreendida acerca do *ego* que o mundo e a subjetividade desvelam-se numa coesão propiciada pela intersubjetividade. Tanto que, para tal pergunta acerca da preocupação fulcral da filosofia de Husserl, a saber, o Outro ou o mundo – pode-se afirmar que ambas convergem para o mesmo ponto de partida. Husserl mantém seus empreendimentos tomando a realidade mais pertinente aos sujeitos do conhecimento para, a partir desse campo, adentrar a vivência do Outro como eu. Toda a investigação desenvolvida no plano transcendental propiciou uma condição de possibilidade de sentido para os entes.

## Considerações Finais

A presente pesquisa visou basicamente explorar o conceito de *empatia*, em-  
basada na relação *Próprio* e *Outro*, dentro do esquema da obra *Meditações*  
*cartesianas* de Edmund Husserl. A investigação empreendida pretendeu elen-  
car elementos que dispusessem uma elucidação da noção de intersubjetividade  
transcendental como resposta a preocupação de Edmund Husserl em estabele-  
cer "comunicação" entre os pólos eu - outro, em objeção ao solipsismo meto-  
dológico que se impusera à sua teoria filosófica. Pretendeu-se adentrar os me-  
andros da quinta meditação da obra *Meditações cartesianas*, tomando-a como  
texto norteador da pesquisa. Na execução da pesquisa, referenciou-se a obra em  
questão e, com base nos escritos de comentadores comprometidos com a temá-  
tica, aportou-se à formação da comunidade intersubjetiva constituída a partir  
da análise das estruturas ontológicas advindas do pensamento fenomenológico.

Mediante a abordagem da quinta meditação verificou-se que a constituição  
desse outro mundano se dá através da percepção mútua do *ego* e do *alter ego* em  
suas *modalidades de aparição* (*Erscheinung*). Ambos notam-se como viventes,  
como homens inseridos em um mundo, com corpos e vivências semelhantes.  
Trata-se de uma experiência mediata onde a intencionalidade toma o Outro por  
uma espécie de analogia. O mostrar-se do Outro por analogia é um tema fulcral  
e elemento essencial para se adentrar na dinâmica da intersubjetividade almeja-  
da por Husserl, ao menos tendo por base as *Meditações cartesianas*.

Notou-se que, na percepção por analogia, o *ego* se sobrepõe ao objeto vis-  
lumbrado, tendo a percepção não plena, mas totalizante, dos conjuntos de inten-  
cionalidades, através da “apresentação” do mesmo. Ao investigar a possibilida-  
de de um sujeito ter a experiência de Outro, Husserl refere-se ao que denomina  
de "esfera própria ou primordial". Essa esfera designaria, de um lado, a expe-  
riência da autodotação mais originária possível e, de outro, pressuporia que a  
experiência da intersubjetividade não pode se dar fora de uma auto-experiência.  
Com isso, Husserl procura apontar que o Outro, entendido como consciência  
alheia, não se dá nessa esfera de originalidade, nessa esfera inaugural. Pois, se  
fosse o caso, o outro seria acessível de forma direta e seria meramente um mo-  
mento de meu próprio ser e, desse modo, eu e o outro seríamos o mesmo. O que  
pertence a essa esfera original é apenas minha experiência do outro, a saber, as  
experiências de *empatia* (*Einfühlung*).

Nota-se que para Husserl, isso bastaria para mostrar que essa esfera do “meu  
próprio” (*Mir-eigene*) não é, de modo algum, uma esfera solipsista, já que in-  
clui também as vivências que o *ego* tem do Outro, ou, ao menos, de outro  
*ego*. Essa esfera original deve ser entendida como o conceito geral de tudo

aquilo que é dado de forma direta, auto-dado em forma originária em todas as experiências do *ego*. Para Husserl, é possível reconhecer uma *apresentação* (*Appräsentation*) do Outro, mas nunca uma *presentação* (*Gegenwartigung*). Verificou-se também a tentativa de superação da dualidade eu-outro, e também sujeito-objeto, por meio da concepção husserliana de uma consciência intencional. Parte-se do reconhecimento do "abismo" entre eu e outro, e busca-se a superação do solipsismo.

Por fim, vale ressaltar que o eu, a consciência, têm prevalência na tarefa de conhecimento, sobre o mundo, sobre outros eus. Esse *eu* apreende-se como mônada em sua primordialidade e totalidade, conferindo, através de um processo de autoconsciência, sentido ao outro eu e ao mundo. O Outro é outro não somente por que suas vivências não me podem ser dadas de forma original, mas também, principalmente, por que temos a experiência dele em uma situação subjetiva que, por princípio, não pode ser minha. Husserl sugere que um corpo exterior do Outro, por analogia, é percebido como percebo meu próprio corpo. Motivado por essa semelhança, tendo a realizar uma *transferência aperceptiva* pela qual concebo o corpo exterior como um corpo em analogia com meu próprio corpo. Por fim, cabe salientar que o interesse desse trabalho, mesmo que por ora, tenha direcionado suas análises à obra *Meditações cartesianas*, não esgota sua investigação com a elucidação da reflexão desenvolvida por Husserl em sua obra magna. O presente estudo somente abre margem para uma análise mais aprofundada acerca do sentido originário do Outro, na correlação entre imanência e transcendência, embasado no conjunto dos escritos husserlianos.

Recebido em: 01.04.2014 | Aprovado em: 12.02.2015

## Referência Bibliográfica

ALVES, P. *Empatia e Ser-para-outrem: Husserl e Sartre perante o problema da intersubjetividade*. Revista Psi: Estudos e Pesquisas em Psicologia – UERJ. Ano 8, nº 2. p. 334-357, 2008.

HUSSERL, E. *Conferências de Paris*. Tradução de Antônio Fidalgo e Artur Morão. Edições 70: Rio de Janeiro, RJ. 1992.

\_\_\_\_\_. *Méditations Cartésiennes*. Trad. G. Peiffer e E. Lévinas, Paris: Vrin, 1996. Trad. brasileira (Frank de Oliveira): *Meditações Cartesianas*. São Paulo: Madras, 2001.

PELIZZOLI, M. *A relação ao Outro em Husserl e Levinas*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994.

STEIN, Edith. *Sobre el problema de la empatía*. Traducción de José Luis Caballero Bono. Madrid: Editorial Trotta, 2004.